



FELIPE DE ALMEIDA BATISTA

**A RELAÇÃO ENTRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE
LUTAS E O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS**

LAVRAS-MG

2023

FELIPE DE ALMEIDA BATISTA

A RELAÇÃO ENTRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE LUTAS E O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Educação Física da Universidade
Federal de Lavras, como parte das exigências
para a obtenção de grau de Licenciatura em
Educação Física

Prof. Dr. Rubens Antonio Gurgel Vieira Orientador

LAVRAS-MG

2023

*Dedico este trabalho a meu tio Eduardo, que sempre acreditou e apoiou cada
decisão nessa caminhada para a conclusão dessa etapa*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus familiares que mesmo longe, sempre torceram pelo meu sucesso.

A segunda família que construí em Lavras, com todos os amigos que se tornaram uma rede de apoio.

Aos meus colegas de treino do Judô UFLA.

A todos aqueles que acreditaram e acreditam na minha trajetória.

A todos os professores do departamento de Educação Física, e principalmente ao meu orientador Rubens, pelos ensinamentos e orientação.

*Somente se aproxima da perfeição quem a procura com constância, sabedoria e
sobre tudo muita humildade
(Jigoro Kano)*

RESUMO

O conteúdo sobre lutas é de suma importância para ser abordado nas aulas de educação física escolar, inclusive sendo um componente presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um documento que estabelece os conhecimentos a serem abordados na educação básica. Contudo, aparentemente, as lutas não estão sendo incorporadas na escola conforme o esperado. Diversos motivos, como pré-conceitos, estereótipo, falta de preparo dos professores, a necessidade de estrutura física e material, entre outros fatores. Entretanto, as lutas incorporam conhecimentos e saberes que foram socialmente constituídos, adaptando-se ao longo do tempo. Esses conhecimentos e saberes adquirem significado apenas quando a forma de transmissão está inserida em um contexto específico, uma vez que há diversas concepções que possibilitam diferentes interpretações sobre as lutas (Correia, 2005). Contextualizar as lutas por meio de práticas pedagógicas alinhadas à realidade do aluno permite que eles compreendam e atribuam novos significados aos contextos, personagens, valores e filosofias dessas antigas artes (Fabiani, Scaglia; Almeida, 2006). A discussão acerca das lutas tem aparecido com mais frequência no cenário

acadêmico da Educação Física nacional, e os jogos de oposição são os principais elementos que aparecem para suplantar as barreiras acerca do ensino das lutas. Diante disso, o objetivo dessa revisão integrativa foi sintetizar as evidências presentes na literatura sobre as práticas pedagógicas de ensino e benefícios das lutas, através de uma pesquisa qualitativa através da base de dados do Google Acadêmico.

Palavras-chave: Educação Física, lutas, artes marciais, pratica pedagógica, crianças

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1.1. Problemática do Estudo	7
1.2. Objetivo	7
1.3. Hipótese	7
1.4. Justificativa	8
2.REFERENCIAL TEÓRICO	8
2.1 Aspectos culturais e histórico das lutas	8
2.2 Esportivização das lutas	11
2.3 Benefícios físicos e psicológicos das lutas para crianças	13
2.4 Lutas na escola	15
2.5 Jogos de oposição	17
2.6 Desafios no ensino das lutas	20
2.7 Abordagens pedagógicas na prática de lutas para crianças	25
3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

Estudos prévios mostram que as lutas podem ser ferramentas efetivas para aumentar a força muscular, equilíbrio, flexibilidade, desenvolver a função cognitiva, a autoestima, o respeito próprio e a auto consciência (CONANT et al., 2008; VANDO et al., 2013; ALESI et al., 2014; PADULO et al., 2014).

A quantidade de pessoas que está praticando as modalidades de lutas tem aumentado em todo o mundo. Em um estudo realizado nos Estados Unidos entre 2000 a 2004, mostrou que o número de crianças e jovens que iniciaram a prática de alguma modalidade de luta aumentou em 28% entre os períodos, totalizando mais de 6,5 milhões de praticantes (YARD et al., 2007).

As principais dificuldades encontradas pelos professores estão a falta de domínio dos conteúdos, a baixa experiência prática com as modalidades de lutas, o preconceito em relação as práticas e a escassez de materiais didáticos que possam subsidiar as ações pedagógicas para o ensino e a aprendizagem dos alunos (RUFINO; DARIDO, 2015). Além disso, durante o processo de formação dos professores em Educação Física nas instituições de ensino superior, o currículo não atende as necessidades para efetivamente serem capazes de ensinar as lutas aos estudantes (AVELAR-ROSA; FIGUEIREDO, 2015).

Segundo Antunes (2016), as lutas abordadas na dimensão da educação, formal ou informal, carregam um conteúdo significativo para o desenvolvimento dos indivíduos, quando associado à adequada condução dada pelo professor. A incorporação da dimensão pedagógica no ensino das lutas tem como foco principal os alunos, e quando orientada por profissionais capacitados que objetivam um trabalho direcionado ao processo de ensino e aprendizagem, tem um papel importante no desenvolvimento integral dos discentes. Corroborando com isso Correia e Franchini (2010), afirmam que é necessária uma transformação didática e pedagógica na edificação dos fazeres e saberes escolares, para que seja então possível a inserção do profissional de diversas atividades na escola

Diante disso, este trabalho tem como objetivo investigar a inclusão das lutas no ambiente escolar como prática pedagógica e analisar seus impactos no

desenvolvimento dos alunos. Por meio de uma revisão abrangente da literatura existente, pretende-se compreender em profundidade os benefícios físicos, socioemocionais e cognitivos que as lutas podem proporcionar aos estudantes. Ao examinar estudos e pesquisas relevantes, este estudo contribuirá para o embasamento teórico e prático da implementação dessas práticas nas escolas, auxiliando na promoção de uma educação física mais abrangente.

1.1. Problemática do Estudo

Como a incorporação da prática pedagógica de lutas influencia o desenvolvimento integral de crianças, considerando não apenas os aspectos físicos, mas também os aspectos emocionais, sociais e cognitivos?

1.2. Objetivo

Este trabalho tem como objetivo investigar a inclusão das lutas como prática pedagógica e analisar seus impactos no desenvolvimento dos alunos. Por meio de uma revisão abrangente da literatura existente, pretende-se compreender em profundidade os benefícios físicos, socioemocionais e cognitivos que as lutas podem proporcionar aos estudantes. Ao examinar estudos e pesquisas relevantes, este estudo contribuirá para o embasamento teórico e prático da implementação dessas práticas nas escolas, auxiliando na promoção de uma educação física mais abrangente.

1.3. Hipótese

A incorporação da prática pedagógica de lutas no contexto educacional contribui de maneira significativa para o desenvolvimento global de crianças, promovendo não apenas habilidades físicas, mas também competências socioemocionais, cognitivas e éticas. A exposição a técnicas de lutas, juntamente com valores como disciplina, respeito e autocontrole, pode resultar em um

impacto positivo na autoestima, na capacidade de lidar com desafios e no aprimoramento das habilidades motoras, oferecendo assim uma abordagem abrangente para o desenvolvimento infantil.

1.4. Justificativa

No atual cenário educacional, a busca por abordagens inovadoras que promovem o desenvolvimento integral de crianças se torna imperativa, as lutas tem um potencial de impacto positivo, sendo um caminho promissor para aprimorar as habilidades físicas, competências socioemocionais e cognitivas. Estudos anteriores apontam consistentemente benefícios como desenvolvimento de disciplina, respeito e autocontrole, que são elementos que contribuem para um ambiente educacional mais positivo e também promovem uma base sólida para o desenvolvimento de habilidades essenciais na vida adulta.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Aspectos culturais e histórico das lutas

Na Índia e na China, foram identificados os primeiros vestígios de formas organizadas de combate. As lutas e suas diversas modalidades, estilos e sistemas são permeadas por muitas histórias. A origem e os eventos associados a essas práticas foram frequentemente distorcidos ao longo do tempo, isso ocorreu porque os antigos mestres não compartilhavam facilmente seus conhecimentos, e poucos registros documentados existiam, as tradições eram transmitidas oralmente, de mestre para discípulo ou de pai para filho, na história da humanidade, diversas culturas expressavam suas tradições por meio de danças e lutas, essas manifestações ocorriam em cerimônias, atividades de caça, na defesa de aldeias e tribos, assim como em festividades. (Mazzoni & Junior, 2011).

De acordo com Alves Jr (2001):

Na história da humanidade quando levamos em consideração o estágio já urbano, ao se fazer uma breve gênese das lutas, observamos que não foram poucos os registros encontrados nas mais diversas civilizações. Remontando entre os anos 3000 e 1500 a.C., os sumerianos deixaram imagens de três duplas de lutadores representando diversas fases de uma luta, com características que D. Palmer e M. Howell (in Blanchard, Chelska, op. cit) consideraram como sendo, “uma das provas mais antigas” do que hoje entenderíamos como atividade de luta. Outras evidências de práticas de lutas também foram encontradas em outras culturas, através dos desenhos encontrados dentro da tumba egípcia de Beni Hassan (Henares, 2000) e também em Creta, por volta de 2000 a.C. (Blanchard e Chelska, op. cit).

A filosofia do budismo exerceu uma influência significativa nos sistemas de lutas em todo o oriente, especialmente na China, Coreia, Japão, Índia e países do Sudeste Asiático, conseqüentemente, as técnicas de luta proliferaram-se por toda a região oriental. Nesse período destacam-se os estrategistas militares e lutadores sábios, como Sun Tzu, um general chinês, e Miyamoto Musashi, o mais renomado dos samurais do Japão antigo, ambos deixaram legados na forma de clássicos da arte da guerra, cujos ensinamentos são aplicados até os dias atuais por empresários e empreendedores.

Após o século XIV, os europeus iniciaram suas explorações e descobrimentos de novos territórios, entrando em contato com a cultura e os povos de diversas nações, somente no ano de 1900 é que alguns ingleses e outros norte-americanos começaram a aprender judô e outras artes marciais japonesas, após 1945, os norte-americanos, em serviço no Japão, contribuíram para a disseminação das artes marciais orientais no mundo ocidental (Reid; Croucher, 2003).

Os diversos significados atribuídos às Artes Marciais e as lutas tem permitido sua disseminação e incorporação por diversas esferas da sociedade. Atualmente, essas práticas podem ser consideradas como atividades de lazer, exercícios para melhoria da aptidão física, técnicas de defesa pessoal, modalidades esportivas, além de serem frequentemente associadas a um estilo

de vida específico e guiadas por determinados valores culturais. Essas atividades, enquanto objetos de significação, estão conquistando cada vez mais espaço em academias de ginástica, clubes esportivos, escolas e outros ambientes, tornando-se passíveis de um “complexo e indeterminado processo de transformação” (Silva, 2003, p.20). Isso as permite manifestarem-se entrelaçadas em diferentes contextos sociais.

Quanto ao conhecimento gerado no ambiente acadêmico, especialmente no campo da Educação Física, as Artes Marciais e as Lutas são abordadas de maneira diversificada. São percebidas tanto como uma prática ancestral, vinculada a orientações filosóficas e religiosas particulares, quanto como uma atividade física esportiva, integrada tanto em contextos escolares quanto não escolares.

Na busca por delinear os significados dessas práticas corporais, estudos como o de Correia e Franchini (2010), indicam a possibilidade de classificá-las de três maneiras distintas: (1) Artes Marciais, (2) Luta e (3) Modalidades Esportivas de Combate. Do mesmo modo, Gomes et al. (2010) Propõem definições que circunscrevem as artes marciais ou lutas a uma concepção esportiva. Dessa forma, essas práticas surgem com múltiplos significados. Quanto à atribuição e produção de sentidos, observa-se uma variedade de abordagens conforme as bases epistemológicas que buscam discutir o tema. Isso resulta em diferentes formas de nomear uma mesma prática, e práticas distintas podem ser reconhecidas pelo mesmo nome. Termos como Artes marciais e lutas, frequentemente são utilizados sem que se investigue ou problematize efetivamente o que estão designando.

O deslocamento dos pensamentos instituídos sobre as artes marciais e as lutas indica outro movimento que leva a reconhecer na linguagem a possibilidade de entendê-las como produtos de conceitos, juízos e verdades fabricados tanto por seus adeptos ou acadêmicos quanto por aqueles que não foram diretamente interpelados por elas. Através da linguagem, enquanto “objeto de seu saber e matéria-prima de suas ações” (Larossa, 2001, p. 70), ele se expressa, se comunica e atribui sentido às coisas. É dessa forma que ele confere e assume significados que permitem uma compreensão plural das artes marciais e das lutas, nessa perspectiva, tomando a linguagem não apenas como um

conjunto de signos, ele a utiliza como um meio pelo qual constrói significados, palavras ou frases, mas assumindo-a em sua função enunciativa (Foucault, 2010).

2.2 Esportivização das lutas

A modernidade introduziu um caráter desportivo às lutas. Com a evolução da sociedade, a tolerância à violência diminuiu, estabelecendo uma relação na qual sociedades mais civilizadas tendem a ter uma menor tolerância à violência. Isso levou as práticas de lutas a se adaptarem, perdendo algumas características de sua origem para se tornarem aceitas na sociedade.

A esportivização, como o próprio nome indicam refere-se ao processo de transformação de certas práticas corporais em esporte institucionalizados. Atualmente, esse processo tem ampliado o número de modalidades esportivas em todo o mundo, um exemplo disso é a capoeira, que é considerada patrimônio cultural brasileiro. Embora tradicionalmente seja vista como um jogo com elementos de dança e artes marciais, em alguns lugares ela também adquire a conotação de esporte de competição, incluindo a realização de torneios oficiais organizados por federações de capoeira. Esse fenômeno ilustra como práticas culturais podem passar por uma esportivização ao se integrarem às normas e estruturas do esporte institucionalizado.

A prática corporal ao passar por esse processo, essencialmente passa a existir em duas formas: sua forma original, não esportiva, com a ideia das lutas para defesa pessoal ou manutenção da saúde, e a forma esportiva, que pode envolver competições (Silveira, 2005). Esse fenômeno destaca a dualidade entre a prática original, muitas vezes associada a propósitos utilitários ou culturais, e sua versão esportiva, que se enquadra nas estruturas e normal do mundo esportivo institucionalizado.

Elias (1992) destaca:

A mesma mudança de orientação pode ser observada no caso do desenvolvimento do boxe. As formas mais antigas de pugilato, uma maneira popular de resolver conflitos entre os homens, não eram inteiramente desprovidos de regras. Porém, o uso dos punhos desprotegidos era acompanhado, frequentemente, pela utilização das pernas como uma arma. O

padrão popular de luta desarmada envolvendo os punhos, ainda que não estivesse totalmente desprovido de regras, era bastante flexível. A luta com os nós dos dedos desprotegidos, como muitos outros combates corporais, assumiu as características de um desporto em Inglaterra, onde foi, pela primeira vez, sujeito a um rigoroso conjunto de regras que, entre outras coisas, eliminava por completo, o uso das pernas como armas. (ELIAS, 1992, p. 42)

Carneiro et al. (2015), afirma que o modelo esportivo conhecido atualmente se consolidou na Inglaterra, por volta da metade do século XVIII até o século XIX, destacando-se no cenário mundial, muitas das modalidades esportivas que conhecemos hoje têm origens nessa época, quando os trabalhadores passaram a utilizar seu tempo livre para se dedicar a essas práticas. Inicialmente considerada como recreação, essa atividade, ao longo do tempo, passou por um desenvolvimento que resultou no estabelecimento de regras mais rígidas, refletindo um crescente senso de justiça no ambiente esportivo.

Elias (1992) destaca que o esporte leva um tempo para atingir um estágio que ele chama de “amadurecido”, nesse estágio, o esporte se adaptou o suficiente às regras para alcançar um nível de tensão-excitação, no qual há uma tensão gerada pela prática esportiva. Quanto maior esse estágio, maior é a tensão e, conseqüentemente, maior é a satisfação tanto para os praticantes quanto para os espectadores. Para alcançar esse equilíbrio, é necessário igualar as oportunidades de vitória, garantindo que nenhum dos competidores tenha vantagem, tornando o confronto mais equilibrado. Quanto mais equilibrado, maior a imprevisibilidade dos resultados, contribuindo para a intensidade emocional e a satisfação dos envolvidos. Para Elias (1992) o controle social das emoções e o autocontrole são fundamentais para o desenvolvimento de nossa sociedade:

[...] os ciclos de violência abrandaram e os conflitos de interesse e de confiança eram resolvidos de um modo que permitia aos dois principais contendores pelo poder governamental solucionarem as suas diferenças por intermédio de processos inteiramente não violentos, e segundo regras concertadas que ambas as partes respeitavam (ELIAS, 1992, p.49).

2.3 Benefícios físicos e psicológicos das lutas para crianças

A literatura tem evidenciado que a prática das lutas contribui para a melhoria de todas as capacidades físicas e para o desenvolvimento integral de seus praticantes (FERREIRA, 2006; CUNHA, 2016). Nesse contexto, Rodrigues (2017) destaca a importância de incorporar essas modalidades nas aulas de educação física, pois a diversidade de gestos e movimentos, abordada de maneira natural e sem ênfase na técnica, promove o entendimento abrangente da cultura corporal pelos alunos (JUNIOR; SANTOS, 2012).

A infância é a etapa inicial da vida, as experiências vivenciadas nesta fase são cientificamente reconhecidas por influenciar intensamente o desenvolvimento físico, mental, social e emocional do ser humano, conforme o Estatuto da criança e do adolescente (1990). Durante a infância, a capacidade de aprender é muito ampla em decorrência do desenvolvimento acelerado do sistema nervoso central e da respectiva maturação dos sistemas biológicos.

Além de ensinar a passar aprendizados como alfabetização, princípios e valores sociais, na infância é uma etapa importante que ensina a demonstrar atividades que ajudam no desenvolvimento motor a partir de exercícios físicos. A partir disso, a luta, a qual não é tão inserida nas escolas, fornece benefícios como: diminuição da agressividade, maior disposição, aumento da confiança, diminuição da timidez e uma melhora elevada na aptidão física da criança (GUEDES, 2001).

Cid, Silva e Alves (2007) destacam que prática também oferece um conjunto abrangente de benefícios para o desenvolvimento psicológico e emocional em crianças. Em primeiro lugar, as lutas ensinam as crianças a lidar com a derrota e a frustração, ao experimentar tanto vitórias quanto derrotas, elas aprendem a perder com graça e a desenvolver resiliência, a capacidade ao enfrentar desafios com determinação e manter-se motivado é um traço valioso que se desenvolve nesse processo. Isso ocorre porque a prática regular de exercícios oferece aos seus praticantes, conforme ressaltado por Oliveira et al. (2018), uma redução da ansiedade e do estresse, melhorias no perfil lipídico e na autoestima. Além disso, ela atua na prevenção e evitação do agravamento de doenças relacionadas ao sedentarismo, proporcionando bem-estar físico e

mental, entre outros benefícios para aqueles que se dedicam a atividades físicas ou modalidades esportivas.

Um exemplo significativo que demonstra como a arte marcial pode ser uma ferramenta eficaz para o profissional de Educação Física escolar, é um estudo realizado em uma escola de ensino infantil. Nesse estudo, os alunos participaram de um programa de intervenção escolar fundamentado nas artes marciais, visando reduzir a agressividade observada em muitas das crianças nas escolas investigadas. Conforme Twemlow et al. (2008), as sessões de aula baseadas na arte marcial resultaram em melhorias positivas no aumento do espírito defensor entre os colegas, melhora na capacidade de raciocínio durante a prática e o estudo de outras áreas de conhecimento na escola, além do aumento da empatia com as vítimas do bullying.

Villamón e Brousse (2002) destacam:

Além de sua utilidade para a defesa pessoal, as lutas podem oferecer enormes oportunidades de crescimento pessoal aos praticantes, pois proporcionam que sejam superadas as próprias limitações do ser humano. O objetivo num combate não estaria centralizado somente na vitória. Uma luta ou qualquer atividade física serviria, em primeiro lugar, para a educação global dos praticantes (VILLAMÓN; BROUSSE, 2002 p. 11).

Na mesma linha de pensamento, Ruffoni (2006) aponta que, é essencial ao ser humano, principalmente na fase da infância, que a criança aprenda através do brincar, explorando, desconstruindo e restaurando o conhecimento. A ludicidade das lutas é veículo para a facilitação da aprendizagem dos conteúdos, que serão demarcados através dos objetivos determinado pelos alunos e professores.

As lutas contêm uma riqueza de conhecimentos históricos, filosóficos e culturais, e os professores devem aborda-las considerando todos os aspectos físicos, sociais, cognitivos e motores. Essa abordagem deve ser contextualizada, proporcionando significado aos alunos e assim, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e do senso crítico (Silva, 2021).

2.4 Lutas na escola

A elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) representou um marco significativo para a Educação Física escolar, esse documento orientador introduziu novas perspectivas para esse campo, destacando princípios como a inclusão dos alunos na cultura corporal de movimento e a diversificação dos conteúdos, que foram organizados em blocos temáticos abrangentes, incluindo: Conhecimentos sobre o corpo, Esportes, Jogos, Lutas e ginásticas, Atividades rítmicas e expressivas (BRASIL, 1998).

No referido documento, são apresentadas proposições de perspectivas pedagógicas que buscam superar práticas tecnicistas, as quais se baseiam na comparação de resultados e na busca pelo rendimento esportivo entre alunos. A superação desses processos pode impulsionar vivências significativas por meio de recursos de ensino-aprendizagem que enfatizem aspectos históricos, técnicos e socioeducativos das práticas corporais (Matos et al., 2015). Nesse contexto, os blocos temáticos mencionados são abordados com base nas dimensões do conteúdo, ou seja, atitudinal (relacionada a valores e atitudes, procedimental (ligada ao desenvolvimento das práticas corporais) e conceitual (configurando-se como a apropriação de fatos e conceitos). Essas orientações visam proporcionar uma abordagem mais abrangente e integrada no ensino da Educação Física, indo além da ênfase em resultados técnicos e esportivos.

Na literatura, encontra-se diversos autores que se dedicam a conceituar e explicar as lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate. Alguns desses autores incluem Nascimento e Almeida (2007), Martins e Kanashiro (2010), Imoto (2008), entre outros. Cada um desses estudiosos contribui para a compreensão e aprofundamento do conhecimento sobre essas práticas, oferecendo perspectivas únicas e abordagens específicas.

Gomes et al (2010) define luta como:

LUTA: Prática corporal imprevisível, caracterizada por determinado estado de contato, que possibilita a duas ou mais pessoas se enfrentarem numa constante troca de ações ofensivas e/ou defensivas, regida por regras, com o objetivo mútuo sobre um alvo móvel personificado no oponente (p, 221, grifo do autor).

As lutas representam uma oportunidade valiosa para a educação na Educação Física escolar, pois qualquer modalidade de luta exige respeito às regras, à hierarquia e à disciplina. Além disso, contribuem para a preservação da saúde física e mental daqueles que as praticam.

Nascimento (2008) defende que os alunos devem apropriar de maneira ampla e significativa das lutas, destacando que as práticas pedagógicas não devem se limitar à dimensão procedimental, ou seja, ao saber fazer. Santos e Brandão (2022) ressaltam que o desenvolvimento das lutas, baseado nas dimensões do conteúdo, é crucial para que os alunos ampliem suas percepções sobre essa temática, enfatizado que os alunos também precisam compreender os aspectos conceituais (saber conhecer) e os aspectos atitudinais (saber ser) (Zabala, 1998).

Lima et al. (2022) enfatizam que quando o professor aborda a temática das lutas, considerando as dimensões do conteúdo, os alunos têm um contato mais abrangente com os aspectos teóricos, motores e atitudinais que envolvem a prática das lutas. Os autores também destacam que existem desafios nesse processo, uma vez que a formação inicial dos professores em relação ao conteúdo de lutas apresenta lacunas. No entanto, ressaltam que a formação continuada surge como um elemento catalisador para a ampliação dos recursos pedagógicos utilizados pelos professores.

Conforme Maldonado e Bocchini (2013) o professor deve ao ensinar a unidade temática de lutas, criar situações-problema que ampliem as vivências motoras, cognitivas, afetivas e sociais dos alunos, proporcionando oportunidades para que eles reflitam e se apropriem de maneira crítica das práticas corporais. Dessa forma, a incorporação das lutas na escola deve ser orientada por abordagens pedagógicas centradas nas pessoas que se movimentam, permitindo que os sujeitos reflitam sobre suas ações, ressignifiquem e atribuam significados que contribuam para alcançar sua autonomia e emancipação.

Ao propor pela implementação das lutas a partir das dimensões do conteúdo, Maldonado e Bonchinni (2013), Rufino e Darido (2013) acreditam que esse processo amplia as possibilidades de compreensão do aluno sobre a prática de lutas. A compreensão das transformações e definições feitas pelos alunos sobre essas práticas corporais. Isso se configura como um elemento

importante, permitindo que o aluno conheça conceitos, vivencie-os na prática e expresse suas emoções.

2.5 Jogos de oposição

No contexto escolar, especificamente na educação física, as lutas já são consideradas um objeto de estudo e prática, estabelecendo-se como conteúdo curricular (Nascimento, 2008). Anteriormente, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física (PCN's), um documento oficial do estado brasileiro, orientava a inclusão das lutas como parte do currículo dessa disciplina (BRASIL, 1997). Contudo, com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as lutas não são mais apenas uma orientação, mas uma obrigação no âmbito da educação física escolar em todo o país (BRASIL, 2017). Mesmo diante dessa obrigatoriedade, as lutas ainda enfrentam desafios para se consolidarem no espaço escolar, como ressaltado por Carreiro (2008, p. 254):

Dentre os conteúdos que podem ser apresentados na Educação Física Escolar, as Lutas são um dos que possivelmente encontram mais resistência, levantados geralmente os argumentos de que há falta de espaço, falta de materiais, falta de roupa adequada e, sobretudo, pela associação às questões de violência.

Em concordância com essa perspectiva, Brenda et al. (2010) também observa que as lutas são um conteúdo fragilizado na sala de aula. Sendo justificado ao apontar que a inclusão das lutas como conteúdo da Educação Física é uma novidade gerando receio e insegurança por parte dos professores ao abordar essa temática.

Jogos e brincadeiras que envolvem elementos das lutas têm o potencial de auxiliar a criança na aprendizagem de como gerenciar e controlar a complexidade das relações violentas dentro do grupo social, conforme destacado por Rufino e Darido (2011). Dessa forma, as lutas têm uma presença notável no universo infantil e podem ser introduzidas desde as séries iniciais do ensino fundamental, isso possibilita que as crianças diferenciem entre lutas e brigas, sendo essencial que compreendam os sentidos e significados dessas práticas e

como se distinguem de comportamentos violentos e outras atitudes baseadas na ótica da violência.

No contexto das lutas, a literatura tem sugerido abordagens teóricometodológicas que buscam uma compreensão mais ampla, evitando a limitação ao ensino de vivências específicas de uma ou poucas modalidades em particular (RUFINO, 2012; GOMES et al., 2010; GOMES, 20008; BREDA et al., 2010). Para desenvolver formas de ensino das lutas que transcendam a dependência de modalidades isoladas, é crucial compreender as unidades didáticas como processos que envolvem vivência, reflexão, ação e interpretação dessas práticas. Nesse contexto, torna-se essencial compreender elementos que possam ser considerados como conhecimentos integrantes do conteúdo das lutas na escola.

Entretanto, a abordagem das lutas não deve se restringir a uma única perspectiva, como aquela centrada nos aspectos técnicos, é crucial incorporar e explorar diferentes conhecimentos, evitando perspectivas reducionistas. Conforme observado por Passos e Santos (2010), a aproximação e assimilação de alguns desses conhecimentos podem ocorrer por meio do jogo. Essa estratégia é importante porque:

Os jogos podem ter uma flexibilidade maior nas regulamentações, que são adaptadas em função das condições de espaço e material disponíveis, do número de participantes, entre outros. São exercidos com um caráter competitivo, cooperativo ou recreativo em situações festivas, comemorativas, de confraternização ou ainda no cotidiano, como simples passatempo e diversão. Podem ser citados como exemplos de lutas desde as brincadeiras de cabo-de-guerra e braço-de-ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do karatê (PASSOS; SANTOS, 2010).

A observação destacada por Passos e Santos (2010) nos leva a considerar a importância de estratégias pedagógicas baseadas no jogo como meio de ensinar diversos conteúdos da educação física na escola, nesse contexto, os jogos de oposição surgem como uma abordagem satisfatória para alcançar esse objetivo.

Segundo Senna e Santos (2010), os jogos de oposição se dividem em três subcategorias: jogos que aproximam os adversários (exemplo: judô, luta olímpica, jiu-jitsu, sumô, etc.); jogos que mantêm o adversário à distância

(exemplo: karatê, boxe, muay thay, taekwondo) e jogos que utilizam um instrumento mediador (esgrima e kendo). No entanto, a utilização desses exemplos pelos autores pode parecer equivocada, pois judô, luta olímpica, jiu-jitsu, karatê, boxe, entre outros, não são, por si só, jogos de oposição, uma vez que possuem como característica fundamental a presença do lúdico. No entanto, sugere-se que os autores utilizaram essas lutas para ilustrar melhor as características dos jogos de oposição. Além disso, é possível perceber que, a partir dessa classificação, os jogos de oposição conseguem abordar elementos similares presentes em diversas lutas, como bases, guarda, ataque e defesa, preservadas as características e regras específicas de cada jogo.

Santos (2012) complementa que os jogos de oposição são uma atividade lúdica que envolve o confronto entre duas ou mais pessoas, em que os participantes tem oportunidades de vencer ou perder, utilizando a experiência de “perder” como uma forma de ressignificar o “perdedor”. Isso ocorre sempre dentro das regras e convenções relativas à segurança própria e do colega, sem jamais perder de vista o componente lúdico e prazeroso.

A ruptura com a explosividade dos aspectos motores ou dos rigores da luta, enfatizada nos jogos de oposição, parece ser um aspecto crucial que reforça a necessidade de sua utilização na escola. Essa estratégia, conforme destacado por Souza Junior e Santos (2010), evidencia outros aspectos relevantes para a formação do indivíduo, como o lúdico, o social e o afetivo. Além disso, pode contribuir para resgatar a autoestima, determinação e autocontrole dos alunos.

Nesse contexto, Souza Junior e Santos (2010) ressaltam que essa “nova” proposta metodológica para abordar o ensino das lutas na escola busca substituir a terminologia marcial ou esporte de combate por Jogos de Oposição. O objetivo é proporcionar a vivência da corporeidade e o autoconhecimento dos educandos, desmistificando assim o ensino de artes marciais na escola. Isso ocorre, porque, segundo os PCN's, é necessário proporcionar vivências cognitivas, motoras e afetivas com ênfase no aspecto lúdico.

Santos (2010), ressalta a importância da estratégia dos jogos de oposição para o ensino das lutas, ressaltando a estreita correlação entre essa abordagem e o referido conteúdo. Essa relação é enfatizada nos argumentos apresentados pelo autor:

[...] entre os conteúdos das lutas e os Jogos de Oposição e a contribuição deles no desenvolvimento dos “aspectos cognitivos, sócio -afetivos e motores, fundamentais no processo de crescimento e desenvolvimento para a formação de um adulto consciente de seu corpo, sobre os aspectos biológicos, motores, intelectuais, sociais e psicológicos, que constituem a tão sonhada educação integral”.

Os jogos de oposição se tornam importantes ao promoverem a valorização do espaço educativo, permitindo a utilização de materiais alternativos, inclusive a confecção destes como instrumentos pedagógicos para efetivação das aprendizagens, A estratégia de produção de materiais é relevante para estimular o desenvolvimento da autonomia e da cognição dos alunos (Santos, 2016).

Na teoria histórico-cultural, desenvolvida por Vygotsky, o ambiente social em que os indivíduos estão inseridos é considerado o centro da teoria. O ser social se individualiza por meio do contato ativo crescente com os outros, ele reconhece o indivíduo como um ser historicamente constituído e enfatiza que a atuação do indivíduo em seu meio envolve a internalização e elaboração da cultura. Essa perspectiva destaca a importância do ambiente social na formação e desenvolvimento do indivíduo, sublinhando a influência da cultura e das interações sociais em sua construção como ser único.

2.6 Desafios no ensino das lutas

As lutas, enquanto fenômeno polissêmico, geram diversas representações sociais que podem levar à criação de estereótipos, os quais se manifestam como obstáculos a serem superados. Para romper com os preconceitos estabelecidos pelo senso comum, é essencial compreender essas práticas corporais em sua totalidade, envolvendo conhecimento dos aspectos históricos, gestuais e comportamentais. O papel do professor é fundamental para desenvolver práticas pedagógicas que contribuam para ampliar a compreensão dos alunos sobre as lutas em sua abrangência de significados (Fabiani; Zambelli, 2021; So; Betti, 2018; Gomes; Fabiani, 2021).

É perceptível a relevância do conteúdo de lutas na escola e como sua apropriação pode contribuir para a formação dos alunos, porém alguns teóricos como Santos (2010), Sá (2014), Seara (2014) e Teodoro (2016) apresentam alguns aspectos que talvez possam se constituir como empecilhos para sua inserção.

Uma desses empecilhos diz respeito à intensa presença da cultura da bola, que é caracterizada pela existência de uma Educação Física Escolar voltada predominantemente para o tratamento dos esportes com bola, limitando e homogeneizando uma disciplina que requer uma prática pedagógica diversificada e ampla (Gllahue; Ozmun; Santos; Sanchis; Roberto, 2017). Essa hegemonia, dificulta as possibilidades de abordagens de outros saberes importantes para a formação dos alunos.

Seara e Teodoro (2016) discutem a respeito da cultura da bola:

É comum notar que esta área do saber tenha como aporte maior de pensamento em tempos hodiernos as práticas do **BOL**: Futebol, basquetebol, handebol e voleibol. É claro que não se está aqui de forma alguma negligenciando estas práticas como conhecimento produzido culturalmente pela sociedade. No entanto, é necessário esboçar e ampliar o vocabulário corporal valorizando as questões cognitivo-motor e afetiva através de outras práticas. Com isso, percebe-se que o educando tem a necessidade de conhecer o novo, desenvolver habilidades dentro do seu próprio corpo.

Santos (2010) alerta para a existência de outras dificuldades no ensino das lutas, que vão além dos quatro esportes de bola tradicionais e estão profundamente integradas à escola, especificamente nas aulas de educação física. Dentre os desafios identificados, se destaca a falta de preparo dos profissionais para lidar com práticas corporais diversas. Enfatizando a necessidade de os profissionais adquirirem um domínio teórico-metodológico, que permita abordar o conteúdo de lutas, sem a necessidade de o professor ter vivenciado a prática da luta.

Sá (2014) constatou em sua pesquisa os principais fatores negativos encontrados pelos professores para o trato com o conteúdo das lutas é a falta de preparação e a falta de materiais disponíveis nas escolas. O autor destaca que esses fatores não devem servir como justificativa para a exclusão do conteúdo no ambiente escolar, pois “Se a escola não oferece condições físicas e materiais,

o professor deve utilizar a improvisação, realizando suas atividades na própria sala de aula ou oferecendo aos alunos uma aula de campo” (SÁ, 2014).

Apesar da necessidade de abordar as lutas na escola, Santos (2012) autor da obra “Jogos de oposição, Ensino das lutas na Escola”, destaca a carência de formação continuada. Isso resulta na falta de acesso dos professores a estratégias, como os jogos de oposição, levando a um desconhecimento de seus benefícios e das formas adequadas de integra-los no ambiente escolar. De acordo com o autor, a falta de conhecimento dificulta a desmistificação da crença de que os jogos de oposição só podem ser praticados em uma infraestrutura específica, além disso, contribui para a incapacidade de dissociar a agressividade e a violência da atividade das lutas.

Existe um pré-conceito enraizado nas lutas que tem dificultado a abordagem nas escolas, sendo a associação com a violência, segundo Nascimento e Almeida (2007), embora a escola seja um ambiente de aprendizagem, não está isenta de conflitos e comportamentos agressivos, essa realidade, muitas vezes, é utilizada como argumento para evitar a incorporação das lutas como tema de discussão em sala de aula. Os autores não consideram esse preconceito como um fator limitador intrínseco, ao contrário, afirmam que é no ambiente escolar que a relação entre lutas e violência deve ser discutida e criticada de forma pedagógica (Nascimento & Almeida, 2017).

Oliveira e Santos (2006) dizem:

Ao invés de aumentar a agressividade, ela contribuirá eficientemente, como comprova a literatura e a práxis educativa de quem trabalha com lutas aplicadas a mais de 28 anos, que as lutas são preponderantes no ato de refreamento do comportamento de agressividade e ainda estudos comprovam que as lutas atuam na formação do caráter das crianças e adolescentes os tornando perseverantes com a auto estima positiva e altamente seguros de sua capacidade de vencer sem ter medo de perder (OLIVEIRA e SANTOS, 2006, p 5).

Por outro lado, Brandão (2017) observa que o conhecimento dos alunos sobre as lutas geralmente se concentra no caráter esportivo de combate, especialmente devido à ampla divulgação dessas práticas nos meios de comunicação. Um exemplo notável é o destaque dado as Artes Marciais Mistas (MMA), que frequentemente são espetacularizadas pela mídia, e divulgam, muitas vezes, a prática de forma reduzida, sendo vista como violenta e agressiva. Ao negligenciar o ensino desse tema na escola, há o risco de reforçar esse ponto

de vista, destacando assim a importância de a escola desempenhar sua função pedagógica ao abordar criticamente essa prática. É fundamental ampliar os referenciais dos alunos para que possam construir seus entendimentos não apenas a partir de uma perspectiva, mas por meio do diálogo constante com uma variedade de conhecimentos, incluindo aqueles que podem ser divergentes.

O estudo de Vasques e Beltrão (2013) aborda uma reflexão sobre o MMA como uma manifestação sociocultural dentro do campo das lutas/esportes, bem como a tensão associada a abordar essa temática nas aulas de educação física, prática essa que tem sua origem vinculada à transmissão de violência descontrolada, pela televisão a fim de entreter o público. A análise destaca que, devido a pressões sociais, políticas e econômicas o MMA passou por um processo de re-esportivização, buscando organizar e sistematizar regras para tornar sua prática mais aceitável dentro dos padrões da sociedade, esse fenômeno ressalta a preocupação de alinhar o MMA a normas e valores que possam ser aceitos pela sociedade.

Oliver (2000) propõe uma metodologia ensino para transitar das “brigas” aos “jogos de luta com regras”, argumentando que a violência é um modo de expressão e comunicação dos alunos em reação a certas interações sociais, em relação ao meio, ao estresse, à frustração, não pode ser totalmente eliminada ou subjugada pelos educadores.

Nesse contexto, a prática de lutas na escola deve proporcionar atividades que transformem as brigas em jogos de luta, nos quais existem regras e situações seguras para a liberação e transformação da agressividade, assim as lutas ao serem encaradas como um “brincar de”, surgem como uma simulação da violência, impedindo que causem danos físicos aos colegas. Nos jogos de luta, a derrota não será prejudicial a ponto de causar danos significativos, conforme enfatiza Oliver (2000): “nunca produzem a derrota definitiva ou destruidora; contribuem desse modo para sua relativização, assim como relativizam a vitória”.

Com relação à falta de vivência dos professores, essa questão não deveria ser um motivo para negar todos os conteúdos da cultura corporal. Em suas formações, grande parte, não se torna especialista em um conteúdo específico, exceto em casos de especialização, além disso, a escola não tem

intenção de formar atletas, mas visa proporcionar uma educação ampla e abrangente, e os professores podem buscar atualizações e aprimoramentos ao longo de sua carreira para enriquecer suas práticas pedagógicas.

O professor de educação física não precisa ser um especialista em nenhuma modalidade esportiva para estar apto a ensiná-la na escola. Isso se deve ao fato de que o ambiente escolar não busca uma preparação de alto nível (Rufino & Darido, 2013), mas sim proporcionar aos alunos a experimentação de diversos conteúdos e o desenvolvimento de uma “consciência corporal”. Portanto o professor de educação física não precisa ser especialista ou ter a vivência na luta para abordar a temática na escola, existem maneiras estratégicas que podem ser utilizadas, permitindo que os alunos experimentem diversas atividades relacionadas às lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate, no entanto é essencial que o professor busque estratégias, atividades e o mais importante, estude a respeito do conteúdo a ser trabalhado nas aulas.

A educação física, de acordo com Fischmann (1998), é uma disciplina que muitas vezes é permeada por estereótipos e desigualdade de gênero. A escola, como um sistema social encarregado da formação das novas gerações, desempenha um papel crucial na promoção da igualdade e no combate ao preconceito. Assim, é importante que a Educação Física e outras disciplinas contribuam para criar um ambiente educacional inclusivo e respeitoso.

Observa-se historicamente uma segregação nas atividades esportivas, com algumas sendo designadas exclusivamente para homens, como o futebol e as lutas, enquanto outras eram reservadas para o sexo feminino, como as danças. Essa segregação pode impactar negativamente no desenvolvimento motor das crianças, uma vez que todos deveriam ter a oportunidade de participar de atividades esportivas, independentemente do gênero (Sousa; Altmann, 1999). Essa abordagem reforça a importância de promover a igualdade de oportunidades no contexto esportivo, proporcionando a todos os indivíduos a chance de participar de diversas modalidades, independentemente do sexo.

A análise de Goellner (2003) destaca que as mulheres são frequentemente associadas a conceitos como fragilidade, inferioridade e fraqueza na sociedade, essas características são muitas vezes relacionadas à ideia tradicional de mulheres como esposas e donas de casa perfeitas,

responsáveis por cuidar do lar, do marido e dos filhos, enquanto isso, aos homens é atribuída a responsabilidade de trabalhar para sustentar a família. Essas representações refletem estereótipos de gênero na cultura, que tem impacto significativo nas expectativas e papéis atribuídos aos gêneros.

Os PCN's de 2018 preconizam aulas mistas, buscando promover a convivência e o respeito às diferenças entre os alunos. É notável que nem todas as famílias apoiam a participação de meninas em atividades como lutas e futebol. Da mesma forma, meninos que se envolvem em práticas como o balé, muitas vezes enfrentam preconceitos. Contudo, é importante destacar que houve uma mudança notável nesse cenário devido aos esforços do movimento feminino em prol da igualdade e eliminação de estereótipos e preconceitos, que historicamente têm impactado as mulheres em diversas áreas. Essa evolução reflete um progresso na superação de barreiras de gênero no contexto educacional e esportivo

2.7 Abordagens pedagógicas na prática de lutas para crianças

De acordo com Bento (2006) a pedagogia do esporte é originária da pedagogia geral e da ciência do desporto, apresentando tanto a função de desenvolver perspectivas pedagógicas, como de direcionar o sentido do desporto para formação e educação do ser humano. A pedagogia do esporte aborda a atividade humana, não em sua totalidade ou generalização, mas sim focando em tipos específicos de ação humana que se destacam pelo envolvimento do movimento e da corporalidade. Seu propósito é analisar, interpretar e compreender as “diferentes formas de ação lúdico-desportivas sob a perspectiva pedagógica”. Portanto, é considerada uma ciência da ação, lidando com a complexidade de questões pedagógicas que surgem da prática esportiva (BENTO, 2006).

Graça (2001) destaca que a pedagogia do esporte, embora seja uma área de pesquisa relativamente jovem, constitui um edifício de extrema complexidade. Sua abrangência ultrapassa os limites da Educação Física, uma vez que seu campo de estudos engloba todas as práticas desportivo-corporais,

demonstrando interesse não apenas nas atividades em si, mas também nos praticantes, abrangendo todas as faixas etárias e condições. Contudo, o autor ressalta que, mesmo diante dessa ampla cobertura, diversos temas e perspectivas no âmbito da investigação pedagógica são abordados superficialmente, ou sequer são tratados. Ele exemplifica essa lacuna ao mencionar a escassez de pesquisas sobre atitudes, crenças e processos cognitivos dos alunos, estudos com orientação social crítica, investigações acerca de metodologias e métodos, entre outros tópicos (GRAÇA, 2001).

Rufino e Darido destacam a necessidade de uma compreensão mais abrangente da pedagogia do esporte no contexto nacional, indo além dos estudos dedicados às modalidades esportivas coletivas, os quais, segundo os autores, também carecem de uma atenção mais aprofundada devido à sua importância e relevância na sociedade. Eles observam a escassez de pesquisas relacionadas às modalidades esportivas individuais, como as lutas corporais, indicando a importância de um aumento na produção científica nessa área para proporcionar uma compreensão mais ampla dessas práticas corporais (Rufino; Darido, 2011).

As lutas corporais, enquanto práticas pertencentes à cultura corporal de movimento, possui algumas caracterizações. Oliveira (2009) considera as características de acordo com os fundamentos, traumatizantes, como socos, chutes, etc.; fintas, no objetivo de ludibriar o adversário; projeções, que buscam a queda do adversário ao chão; imobilizações, na aplicação de chaves nas articulações, dentre outras. Espartero (1999) classifica em luta com agarre, com golpes e com complementos. Gomes (2008) fundamentou-se nas concepções de Bayer acerca das características compartilhadas pelos Jogos Desportivos Coletivos, para formular os Princípios Condicionais das Lutas, elencados como “contato proposital, fusão ataque/defesa, imprevisibilidade, oponente(s)/ alvo(s) e regras”.

A partir desses princípios, adota-se uma definição amplamente utilizada para caracterizar as lutas, em concordância com Paes (2010), que as divide em três categorias: curta, média e longa distância. As lutas de curta distância envolvem o agarramento do adversário, enquanto as de média distância são marcadas por toques e golpes diretos no oponente, como socos e chutes, e as

de longa distância fazem uso de implementos e materiais adicionais, como espadas, por exemplo. Essa classificação simplifica os procedimentos didáticos para os professores que desejam abordar diversos conteúdos relacionados às lutas, permitindo uma abordagem que não se restrinja a uma única prática marcial, mas que englobe várias modalidades distintas. Desta maneira, GOMES (2008) contribui para a compreensão das lutas/artes marciais ao sugerir que a luta é uma:

Prática corporal imprevisível, caracterizada por determinado estado de contato, que possibilita a duas ou mais pessoas se enfrentarem numa constante troca de ações ofensivas e/ou defensivas, regida por regras, com o objetivo mútuo sobre um alvo móvel personificado no oponente (GOMES, 2008, p.49, grifo do autor).

Essa definição possibilita a compreensão de que o foco das lutas está sempre no oponente, exigindo um confronto e conflito entre eles. No entanto, essa definição não se aplica a prática dos “katas” ou “katis” que são movimentos coreografados e sistematizados presentes em algumas lutas. GOMES (2008, p.50) define as formas como: “combinação e elementos e técnicas tradicionais que expressam a essência dos movimentos das lutas, organizados em uma sequência pré-estabelecida, podendo ser executada na presença de adversários reais ou imaginários”

Em termos desportivos, é viável considerar que, ao longo do tempo, os objetivos das lutas corporais passaram por transformações, permitindo a ocorrência do processo de esportivização. Mesmo que para isso tenha sido necessário excluir, modificar e reinterpretar alguns conceitos e atitudes das lutas corporais. Breda et al. (2010) destacam que “o processo de esportivização das lutas introduziu novas formas de prática, locais de inserção, métodos de ensino e difusão, sendo novamente modificado com o processo de espetacularização dos eventos de lutas”.

Marcellino (2003) analisou academias de ginástica como opção de lazer, e constatou que nenhuma das academias analisadas possuía um processo pedagógico definido, somente uma academia de artes marciais. Embora o autor não expresse explicitamente o significado de “processo pedagógico”, em suas observações, analisou aulas de dois tipos de lutas corporais, kung fu e jiu jitsu, e

constatou que as aulas de ambas as modalidades seguem uma proposta claramente delineada, que é estritamente seguida, evidenciando uma forte concepção enraizada no ensino dessas modalidades, com ênfase na rigidez e disciplina nos processos de ensino e aprendizagem.

Kozub (2004) parte do princípio que implica a realização de atividades lúdicas e simplificadas, com um nível de complexidade inferior ao encontrado nas situações tradicionais dessas práticas corporais, mas sem perder a compreensão dos aspectos táticos associados à sua lógica interna. Conforme apontado pelo autor, muitos alunos que aprendem apenas com a execução de gestos técnicos de maneira isolada apresentam deficiências no conhecimento e da assimilação dos aspectos táticos, resultando em compreensões inadequadas sobre a lógica interna dessas atividades. Essa abordagem também pode levar a equívocos sobre as estratégias possíveis e os aspectos táticos relacionados a essas práticas corporais (KOZUB, 20004)

Para atingir esse objetivo, é essencial compreender as especificidades das lutas corporais e como essa expressão da cultura corporal pode ser incorporada pela pedagogia do esporte, segundo Darido e Rufino (2012), isso permite que as abordagens e conceitos discutidos nessa área do conhecimento se integrem à prática pedagógica das lutas corporais em diversos ambientes e contextos, essa integração não exclui fatores como a tradição e os aspectos místicos que envolvem essas práticas corporais.

Conforme destacado por PAES (2006), não se pode limitar o ensino dos esportes à criação de sequências pedagógicas que se concentram exclusivamente na decomposição e repetição exaustiva de gestos técnicos. Para o autor:

A evolução do Esporte sugere uma prática pedagógica que priorize, além dos métodos, procedimentos nos quais a preocupação central seja voltada para quem faz o gesto, estimulando-o a identificar e resolver problemas, e ainda proporcionando a criação de novos gestos (PAES, 2006, p.171).

É necessário confrontar a prática pedagógica constantemente, “uma das tarefas centrais da Pedagogia do Desporto é a de reconstruir as virtualidades de formação e emancipação imanentes ao fenômeno cultural do desporto, procurando convertê-las em ofertas de intencionalidade educativa” (Bento,

1995). Sendo um confronto com o esporte, afim de questionar os valores formativos, com finalidade educativa e revesti-lo de artefatos pedagógicos.

Em outras palavras, para promover mudanças na abordagem do ensino esportivo e também no ensino das lutas corporais, é essencial que a prática pedagógica esteja conectada a processos de ensino e aprendizagem que capacitam os praticantes a refletirem sobre suas próprias ações. Isso implica que a prática pedagógica não deve ser restrita apenas ao domínio do ensino de habilidades ou técnicas previamente especificadas.

Coli, Pozo, Sarabia e Valls (2000) propõem o ensino em três diferentes dimensões, atitudinal, que deve responder à pergunta “o que se deve saber?”, conceitual, que se relaciona à pergunta “o que se deve fazer?” e a longitudinal, que responde à pergunta “como se deve ser?”.

É viável expandir a abrangência dos conteúdos para além da prática educativa dentro do contexto escolar, o ensino dos esportes não está vinculado exclusivamente às técnicas e táticas apenas em escolas, mas também em programas esportivos, especialmente iniciação esportiva, o ensino deve proporcionar uma formação abrangente e direcionada para a constituição do cidadão crítico.

3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os autores Alencar Et Al.,2015; Nascimento; Almeida, 2007; Rufino; Darido, 2001; Rufino; Darido, 2012; Gomes Et Al., 2013; Fonseca; Franchini; Delvecchio, 2013; Sabino; Benites, 2010; Bertazolli; Alves; Amaral, 2008; Nascimento, 2008; Radicchi; Falcão,2012; Ueno; Souza,2014; Santos; Palhares,2010; Bueno; Silva; Capela,2011; Lopes; Kerr, 2015 relacionam os aspectos pedagógicos e lançam reflexões sobre estratégias metodológicas para o ensino das lutas. A produção critica o ensino técnico das lutas e propõe uma abordagem que debata de forma ampla, considerando os aspectos históricos, culturais e pedagógicos.

As reflexões sobre o ensino das lutas atuam em diferentes direções, Alencar et al. (2015) e Rufino e Darido (2012) propõem o ensino das lutas com foco nas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais.

Ueno e Souza (2014) compreendem a necessidade de abordar o tema lutas por meio dos temas transversais, considerando as lutas de forma abrangente e suas relações com a sociedade. O direcionamento do tema é orientado como um fenômeno social, refletindo para ação no ambiente escolar, especialmente nas aulas de Educação Física, como um campo de intervenção que busca sua consolidação.

Os artigos destacam a importância de contextualizar o ensino das lutas de forma pedagógica. Isso significa integrar o conteúdo ao contexto mais amplo da vida dos alunos, tornando-o relevante e significativo para eles. Além disso, propõem atividades lúdicas, ou seja, atividades recreativas e divertidas, como parte do processo de aprendizagem. Essa abordagem visa tornar o ensino mais envolvente, motivador e acessível, especialmente para um público mais jovem.

Os artigos sugerem uma abordagem menos centrada nas técnicas específicas das lutas, isso pode indicar uma mudança de foco no ensino tradicional das artes marciais, que muitas vezes se concentra em movimentos específicos e técnicas, em vez disso, os professores de educação física podem buscar métodos mais abertos, exploratórios e inclusivos, incentivando os alunos a experimentarem diferentes aspectos das lutas.

No entanto, parece que a sistematização do conteúdo ainda não é completamente abordada nos artigos mencionados, isso implica que apesar da contextualização e das atividades lúdicas, ainda não foi proposta uma estrutura clara ou uma metodologia sistemática para organizar e apresentar o material relacionado às lutas. Essa lacuna pode ser preenchida por outros artigos que buscam avançar nesse sentido, oferecendo métodos específicos para sistematizar o ensino das lutas.

Nascimento (2008) destaca a importância de considerar a pluralidade das lutas, isso sugere que o ensino não deve se limitar a uma abordagem específica, mas sim abranger uma variedade de estilos e técnicas, proporcionando aos alunos a oportunidade de experimentar diferentes formas de

luta, podendo enriquecer sua compreensão e habilidades, tornando o ensino mais inclusivo e adaptável a diversas preferências e habilidades.

A proposta de construir ambientes diversificados por meio de experimentações sugere a criação de espaços de aprendizagem dinâmicos, nos quais os alunos possam explorar, testar e aplicar suas habilidades de maneiras variadas, isso vai além do ensino tradicional e formal, incentivando uma abordagem mais flexível e adaptativa ao aprendizado das lutas.

A sistematização das lutas é apontada como um desafio no ensino desse conteúdo nas aulas de educação física. Essas propostas representam um avanço na abordagem das lutas, permitindo que o professor reconheça as potencialidades, características e estratégias que podem ser utilizadas para o ensino. Apesar de avançarem nos debates sobre o ensino, existe a necessidade de maiores aprofundamentos.

Alguns autores como Nascimento, Almeida (2007); Ueno, Souza (2014); Beltrão (2013) abordam a relação entre lutas e violência na escola, eles destacam a necessidade de um debate crítico, buscando desconstruir a relação entre violência e lutas.

Ueno e Souza (2014) destacam que o conhecimento limitado sobre as lutas tem contribuído para uma visão preconceituosa dessas práticas. Esse preconceito é em grande parte alimentado pela influência da mídia, que muitas vezes apresenta uma representação distorcida das lutas ao longo da história da humanidade e na sociedade contemporânea. Nascimento e Almeida (2007) compartilham dessa perspectiva, observando que é crucial relativizar a associação entre lutas e violência, argumentando que essa visão não deve ser restritiva ao ensino desse conteúdo, portanto, torna-se fundamental analisar a forma como a tematização desse conteúdo ocorre.

A escola, enquanto ambiente de ensino e aprendizagem, composto por conhecimentos, saberes e valores, deve fundamentar sua prática em teorias que sustentem seu funcionamento (Scaglia, 2014). Tais teorias devem organizar e sistematizar o conteúdo para aprimorar o ensino, superando métodos tradicionais nos quais os alunos, nas aulas de luta, simplesmente reproduzem movimentos, seguindo as instruções do educador (Breda, 2010). Devido a essa abordagem, vários equívocos no processo de ensino-aprendizagem tornam-se

evidentes. Em contraste, as lutas, ao adotarem a pedagogia do jogo como estratégia pedagógica, conseguem atender às necessidades que muitas vezes estão ausentes nos métodos tradicionais de ensino do conteúdo na educação física escolar.

As lutas carregam consigo uma carga significativa de conhecimentos históricos, filosóficos e culturais. Para abordá-las de maneira eficaz, os professores devem considerar todos os aspectos físicos, sociais, cognitivos e motores, contextualizando-as de modo a conferir significado para os alunos. Essa abordagem visa desenvolver a autonomia e o senso crítico dos estudantes.

O ensino das lutas no modelo tradicional, caracterizado pela ênfase na técnica, repetições intensas de movimentos e a centralização do professor como protagonista, não é o ideal de ser adotado, os estudos convergem para a indicação de uma metodologia de ensino que leve em consideração os interesses e conhecimentos e gestos por meio de atividades lúdicas, como brincadeiras e jogos de oposição.

Como cita Santos (2013), desde a consolidação do conteúdo das lutas como parte integrante da Educação Física, surgiram questionamentos sobre a melhor abordagem desse tema no contexto escolar. Alguns autores têm publicado trabalhos científicos com diversas metodologias de ensino, porém são poucos os profissionais que trabalham com esse conteúdo.

Ao conhecer as lutas em diversos aspectos (políticos, econômicos, sociais, históricos, estéticos, fisiológicos etc.), os alunos poderão se apropriar de elementos que contribuirão com a construção crítica de conhecimentos, valores, atitudes, fatos e procedimentos que auxiliarão na ampliação de suas visões de mundo. No caso das lutas, é possível além de vivenciar diversas práticas corporais, compreender o enfoque apontado pelas mídias, diferenciando-as dos contextos violentos, possibilitando a tomada de decisões sobre opções mais conscientes para sua vida cotidiana, entendendo estas práticas corporais como possibilidades de lazer, saúde, rendimento, comunicação, expressão corporal, entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a inclusão dos conteúdos das lutas nos parâmetros curriculares nacionais, como parte integrante da Educação Física, surgiram questionamentos sobre a melhor abordagem que os profissionais de educação física podem adotar ao tratar desse tema em duas aulas. Observa-se um crescente interesse em estudos sobre as artes marciais, com uma ampla variedade de recursos, como artigos, livros e revistas, que contribuem para que essas práticas se tornem um componente comum no conteúdo da Educação Física Escolar. Diversas metodologias de ensino desse conteúdo têm sido propostas para aplicação nas escolas, no entanto, ainda são poucos os profissionais que se aventuraram a trabalhar com essa temática, e a presença desse conteúdo no ambiente escolar é limitada.

As lutas possuem um considerável potencial pedagógico, oferecendo diversas abordagens nas aulas. Elas podem ser utilizadas como atividade de lazer, defesa pessoal, exercício de aptidão física e desenvolvimento da coordenação motora. A ênfase deve ser na promoção de uma prática formal, não voltada para a violência, mas sim para proporcionar aos alunos uma experiência pedagógica que aprimore seus aspectos motores, sociais e cognitivos.

A prática de lutas como conteúdo escolar proporciona diversos benefícios às crianças, incluindo a melhoria da coordenação motora, o estímulo ao desenvolvimento físico, mental e social, além do aprimoramento do condicionamento físico, entre outros benefícios. As lutas também carregam uma rica bagagem de conhecimentos históricos, filosóficos e culturais. Para explorar esses benefícios de forma abrangente, os professores devem desenvolver as aulas considerando os aspectos físicos, mentais, sociais, afetivos, cognitivos e motores, é fundamental que o professor clarifique os objetivos da atividade para que faça sentido para os alunos, promovendo assim a autonomia e o desenvolvimento do senso crítico.

Os estudos revelaram que a formação acadêmica e as práticas pedagógicas dos professores carecem de conhecimentos sobre a modalidade, apontando alguns motivos para essa situação. Dentre esses motivos, destacase a insegurança dos professores em abordar conteúdos que não dominam e a

escassez de espaços e materiais adequados. Muitos professores enfrentaram experiências limitadas devido as dificuldades encontradas nos cursos de graduação para capacitá-los nessa área.

Embora os benefícios da prática de lutas sejam comprovados, existem inúmeros fatores restritivos para o ensino dessas atividades. Vários estudos ressaltam a importância da construção de novos parâmetros para o desenvolvimento do ensino das lutas na formação de professores de Educação Física no Brasil. Desse modo, é essencial romper com as abordagens convencionais sobre como as lutas tem sido tratadas na formação acadêmica, a fim de valorizar essas práticas como manifestações da cultura corporal que dever ser ensinadas de maneira efetiva e apropriada.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, YO; SILVA, LH; LAVOURA, TN; DRIGO, AJ. **As lutas no ambiente escolar: uma proposta pedagógica.** R. bras. Ci. e Mov 2015.

ALESI, Marianha, et al. **Desenvolvimento motor e cognitivo: o papel do karatê.** **Jornal de músculos, ligamentos e tendões.** v. 4, n. 2, pág. 114, jul. 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4187589/>. Acesso em: 28 out. 2023.

AVELAR B.R; FIGUEIREDO A.L. **As Artes Marciais e Desportos de Combate na Educação Física Escolar–Interpretação Curricular.** Journal of Sport Pedagogy and Research. Ericeira, v. 1, n. 8, p. 14-21, 2015

ALVES J. **Discutindo a violência nos esportes de luta: a responsabilidade do professor de educação física na busca de novos significados para o uso das lutas como RESUMO EXPANDIDO | GTT 05 - ESCOLA** Disponível em: ISSN 2175-5930 1296 conteúdo pedagógico. Usos do Passado. In. XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA. ANPUH. RJ. Anais... 2006. p.01-09.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei 8.069/90. São Paulo, Atlas, 1991.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física. Brasília, 1997. v.7.

BREDA, M. et al. **Pedagogia do Esporte aplicada às Lutas**. São Paulo: Phorte, 2010

BUENO, M. C.; DA SILVA, B. E. S.; CAPELA, P. R. C. **A capoeira como possível instrumento de práxis revolucionária: experiência no CEC Itacorubi-Florianópolis/SC**. Motrivivência, Florianópolis, n. 37, dez. 2011.

CARREIRO, E. A.; DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A., **Educação Física na escola: Implicações para a prática pedagógica** (pp. 244-261). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan., 2008.

CONANT, Kerry D., et al. **A karate program for improving self-concept and quality of life in childhood epilepsy: Results of a pilot study**. *Epilepsy & Behavior*, v. 12, n. 1, p. 61-65, jan. 2008. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17923439/>. Acesso em: 21 out. 2023.

DARIDO, S. C.; RUFINO, L. G. B. **Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações**. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 283-300, 1 jun. 2012.

ELIAS. N; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992

FERREIRA, H. **AS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**. *Rev. de Educação Física*, Fortaleza CE, n. 135, p. 36-44, 29 nov. 2006.

FONSECA, J. M. C.; FRANCHINI, E.; DEL VECCHIO, F. B. **Conhecimento declarativo de docentes sobre a prática de lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate nas aulas de educação física escolar em pelotas**, Rio Grande do Sul. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 16, n. 2, 2013.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GIMENES, P.C.; BORGES, G.R.; REIS, R.C.; PEREIRA, L.V.; PONTES, J.B. **O ensino das lutas no ambiente escolar: uma revisão narrativa**. *Revista Master - Ensino, Pesquisa e Extensão*, v. 8, n. 15, 2023

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F. e GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GONÇALVES, A. V. L.; SILVA, M. R. S. **ARTES MARCIAIS E LUTAS: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE SABERES NO CAMPO DISCURSIVO DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA**. Rev. bras. Ciência e Esporte, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 657-671, 4 set. 2013.

GOMES, M.S.P. **Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: contextos e possibilidades**. 2008. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

KOZUB, F.M.; KOZUB, M.L. **Teaching combative sports through tactics: the tactical game approach can enhance the teaching of some martial arts by emphasizing their similarities to one another and to wrestling**. Journal of Physical Education, Recreation & Dance, Reston, v.75, n.1, p.1-7, 2004.

LANÇANOVA, J. E. S. **-Lutas na Educação Física Escolar: alternativas pedagógicas**. 2006. 70 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade da Região da Campanha, Alegrete, 2006.

LARROSA, J. **Lenguaje y educación**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.16, p. 68-80, jan./abr. 2001

LOPES, R. G. B.; KERR, T. O. **O ensino das lutas na Educação Física escolar: uma experiência no ensino fundamental**. Motrivivência, v. 27, n. 45, p. 262279, 2015.

NASCIMENTO, P. R. B. e ALMEIDA, L. **A tematização das lutas na educação física escolar: restrições e possibilidades**. Movimento Porto Alegre, n. 13, v. 3. 2007.

NASCIMENTO; J. P. R., Silva; A. C. & Soares; R. S. S. **A prática do judô na escola: benefícios para o desenvolvimento infantil**. Intercontinental Journal on Physical Education, Rio de Janeiro.

OLIVIER, J. C. **Das brigas aos jogos com regras: enfrentando a indisciplina na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

OLIVEIRA, S. R. L.; DOS SANTOS, S. L. C. **Lutas aplicadas a Educação Física Escolar.P. M. D. C. S. M. D. EDUCAÇÃO** Ed.: Departamento de Ensino Fundamental, 2006.

PADULO, J et al. **The effects of one-week training camp on motor skills in Karate kids. JOURNAL OF SPORTS MEDICINE AND PHYSICAL FITNESS**, v. 54, n. 6, p. 715-724, mar. 2014.

PAES, R.R. Desenvolvimento das aulas de lutas: da compreensão teórica aos procedimentos práticos. In: BREDA, M.; GALATTI, L.; SCAGLIA, J.A.; PAES, R.R. **Pedagogia do esporte aplicada às lutas**. São Paulo: Phorte, 2010.

PASSOS, B. P. E SANTOS, S. L.C. dos. **Jogos de oposição no ambiente escolar**. EFDeportes.Revista digital. Buenos Aires, nº147, 2010.

PEREIRA, M. et al. **A CONTRIBUIÇÃO DA PEDAGOGIA DO JOGO PARA O ENSINO DAS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**. Congresso Internacional dos Jogos Desportivos. p. 362., 2015

RADICCHI, M. R.; FALCÃO, J. L. C. **Tensões e conflitos na inserção da capoeira nas escolas de São José/SC: propondo uma análise subjetiva do processo em andamento**. Motrivivência, n. 38, p. 202-216, 2012.

RUFINO, L G B; DARIDO, S C. **Análise da prática pedagógica das lutas em contextos não formais de ensino**. Rev. bras. Cin. e Mov 2015.

SÁ, R. D. **Lutas como conteúdo na Educação Física Escolar**. EFDeportes. Revista Digital. Buenos Aires, ano 19 n. 193, jun. 2014

SABINO, T. F. P.; BENITES, L. C. **A capoeira como uma atividade extracurricular numa escola particular: um relato de experiência**. Motrivivência, Florianópolis, n. 35, p. 234-246, dez. 2010.

SANTOS, S. L. C. et al. **JOGOS DE OPOSIÇÃO: nova metodologia para o ensino dos esportes de combate na educação física escolar**. Revista Brasileña de Educación Física Escolar (Rebescolar), 2016

SANTOS, G. O.; PALHARES, L. R. **A capoeira na formação docente de educação física. Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 114, set./dez. 2010

SANTOS, S. L. C. **Jogos de Oposição**. Curitiba, UFPR, 2010. Disciplina de Lutas Aplicadas. Curso de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

SEARA, E. C. R. e TEODORO, C. B. **A visão de professores de Educação Física acerca da capoeirana escola: uma análise de escolas de balneário Camboriú-SC**. EFDeportes.Revista Digital. Buenos Aires, ano 21, n. 223, dez. 2016

SILVA, F. H. *et al.* **Metodologias de ensino e benefícios das lutas e esportes de combate: uma revisão integrativa de literatura**. Educação Física e Ciências do Esporte: Uma Abordagem Interdisciplinar, v. 2, p. 291-308, 21 jan. 2021.

SILVA, T. **O currículo como fetiche: a prática e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVEIRA JÚNIOR. E. R.; CARDOSO, C. L. **Qigong: uma contribuição para a Educação Física escolar. Motrivivência**, Florianópolis, ano 16, n. 23, p. 83101, dez. 2004.

TRUSZ, R. D., et al., **ABORDAGEM E SISTEMATIZAÇÃO DO CONTEÚDO LUTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A EXPERIÊNCIA COM UMA UNIDADE DIDÁTICA**. *Corpoconsciência*, p. 27, 2023.

UENO, V. L. F.; SOUZA, M. F. **Agressividade, violência e Budo: temas da Educação Física em uma escola estadual de Goiânia**. Pensar a Prática, Goiânia, 2014.

VANDO, Stefano et al. **Postural adaptations in preadolescent karate athletes due to a one week karate training camp**. *Journal of Human Kinetics*, v. 38, n. 1, p. 45-52, out.2013.

VASQUES, D. G.; BELTRÃO, J. A. MMA e **Educação Física escolar: a luta vai começar**. Movimento, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 289-308, out./dez. 2013.

YARD, Ellen E; KNOX, Christy L; SMITH, Gary A; DAWN, Rachel. **Pediatric martial arts injuries presenting to emergency departments**, United States 1990–2003. *Journal of science and medicine in sport*, v. 10, n. 4, p. 219-226, ago. 2007.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998